

Correlação entre preço pago ao produtor e o valor do UHT pode orientar pecuarista

Natália S. Grigol, Aline F. dos Santos, Bianca F. Teixeira, Juliana C. dos Santos, Equipe Leite/Cepea

Nos últimos cinco anos, a correlação entre o preço do leite recebido pelo produtor na “média Brasil” (que engloba os estados de MG, SP, BA, GO, PR, SC e RS) e o valor do leite UHT ou longa vida (de caixinha) negociado no atacado do estado de São Paulo foi de 0,65, segundo dados do Cepea, indicando que os produtos estão fortemente relacionados. Historicamente, o comportamento deste derivado antecipa o cenário de preços no campo, servindo como uma espécie de indicador ao produtor para traçar estratégias de investimento e negociação.

A cotação do litro de leite pago ao produtor é influenciada pela sazonalidade de produção e pelo consumo. De março a outubro, período em que chove menos no Sudeste e Centro-Oeste, por exemplo, a alimentação dos rebanhos criados em sistema de pastagem é prejudicada o que reflete na menor captação de leite. Desta forma, os preços da matéria-prima e dos derivados se elevam. Já na época de safra, quando há maior volume de leite produzido e o preço ao produtor recua, o processamento do UHT aumenta, pressionando as cotações.

Quanto ao consumo, a maioria dos lácteos apresenta alta elasticidade-renda, ou seja, a demanda varia fortemente frente às mudanças de renda do consumidor. Em geral, um aumento na renda leva ao maior consumo, sobretudo, de iogurtes e queijos, da mesma forma que a diminuição do poder de compra enfraquece a demanda por esses produtos, podendo ampliar os estoques e pressionar as cotações. No caso do UHT, porém, essa relação não é tão forte, por se tratar do lácteo com maior inserção na alimentação do brasileiro, proporcionando um mercado comprador fiel e uma maior liquidez.

Tendo como base os últimos dois anos a correlação fica evidenciada em alguns momentos específicos, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, por exemplo, o preço do derivado no mercado atacadista se manteve sem grandes oscilações. Parte deste retrato se deu pela retração no consumo em decorrência da crise econômica enfrentada pelo país, desta forma o leite UHT tentou se adequar ao bolso do consumidor. Neste mesmo período o preço pago ao produtor se estagnou apesar da oferta restrita em decorrência aos altos custos de produção.

A partir de fevereiro de 2016 houve o início de uma escalada nos preços do UHT que culminou na valorização histórica de 72% no acumulado (atacado SP/ CEPEA) até julho do mesmo ano. O cenário de queda na produção, situação que se agravava em relação ao ano anterior, acarretou esta elevação nos preços. Para o produtor o avanço dos valores recebidos pelo litro de leite produzido seguiu a tendência desenhada pelo leite UHT, porém, não na mesma proporção e nem no mesmo espaço de tempo. O pico de preços ao produtor, na “média Brasil”, ocorreu em agosto daquele ano e a variação acumulada atingiu 59% (jan. a ago. 2016).

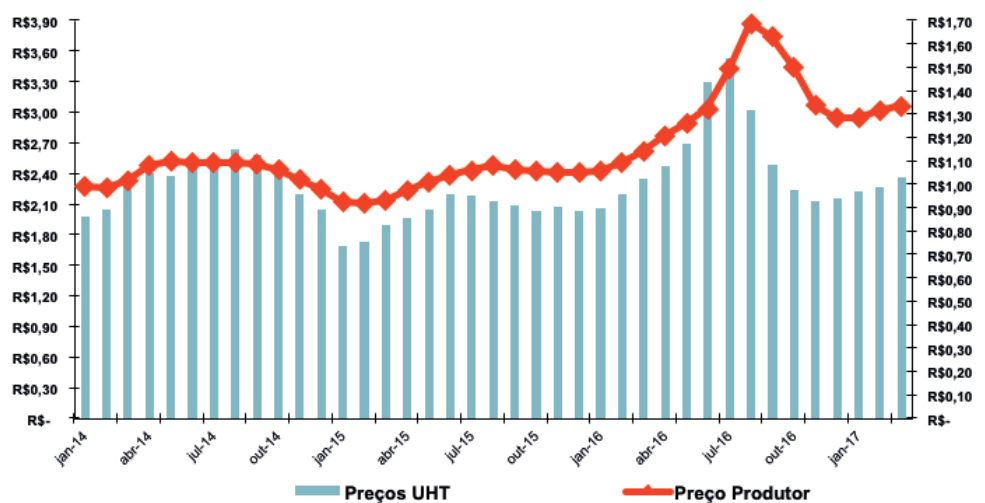


Figura 1. Relação entre o Preço do Leite UHT e o Preço pago ao Produtor pelo litro de leite produzido na “média Brasil” | Fonte: Cepea / Elaboração: CNA (2017).

Por todas as características envolvidas na dinâmica de mercado do leite UHT, o derivado é o primeiro produto a sinalizar as tendências do setor. Portanto, o acompa-

nhamento das negociações de longa vida no atacado pode ser uma importante ferramenta de auxílio ao produtor na tomada de decisão.

Gastos com principais insumos recuam no 1º bimestre em MG

Por Natália Salaro Grigol, pesquisadora da Equipe Leite/Cepea

Em 2016, os custos de produção permaneceram elevados o ano todo, principalmente em função da valorização dos preços dos concentrados. Para 2017, no entanto, o cenário é outro: dados referentes ao primeiro bimestre do ano já indicam que os gastos com os principais itens que compõem os custos do pecuarista em Minas Gerais estão menores do que no mesmo período do ano passado.

De acordo com o levantamento realizado pelo Projeto Campo Futuro, conduzido pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, em parceria com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), os dispêndios com concentrado 18% PB e 24% PB (saco de 40 kg) no primeiro bimestre de 2017 caíram 15,5% e 14,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2016. Ainda em relação ao grupo alimentação, os gastos com a aquisição de semente de milho para o plantio de silagem (20 kg) diminuíram 20,9% na mesma comparação. As quedas são resultantes da valorização do Real frente ao Dólar, o que diminuiu a competitividade dos grãos brasileiros no mercado internacional e reduziu as exportações – possibilitando maior oferta no mercado interno e preços mais atrativos. Além disso, a perspectiva de safra recorde no Brasil e em outros países também pressionou as cotações dos grãos,

o que aumenta a expectativa de preços ainda mais atrativos nos próximos meses. Para o produtor, o cenário é favorável, já que os custos com alimentação são os que mais oneram a atividade leiteira no Brasil.

Para o grupo de medicamentos, destaca-se o recuo de 18,4% nos gastos do produtor mineiro com a compra de Ivermectina (litro), produto bastante utilizado para o controle parasitário do rebanho. De acordo com agentes consultados pelo Cepea, houve, em geral, queda no preço dos medicamentos devido às diversas promoções realizadas pelas casas agropecuárias. A prática buscou incentivar o pecuarista a retomar as compras de medicamentos para o controle preventivo, já que, desde o ano passado, a tendência observada era de realizar aquisições apenas em situações pontuais.

Além desses insumos, a aquisição de sal mineral de 60 g de fósforo (30 kg/sc) de janeiro a fevereiro deste ano esteve 11,9% mais barata em relação ao mesmo período de 2016, uma vez que a desvalorização do Dólar frente ao Real barateou os insumos compostos por fósforo (mineral importado pelo Brasil). Outro insumo que pesou menos no bolso do produtor mineiro foi o diesel (litro), que se desvalorizou 16% na mesma comparação, em função do recuo mundial dos preços do petróleo.

Além dos custos menores, a atividade leiteira em Minas Gerais também se beneficiou neste ano com o aumento da receita obtida com a venda do leite, pois a rentabilidade neste primeiro bimestre esteve mais elevada do que no mesmo período do ano passado. De acordo com levantamentos do Cepea, entre janeiro e fevereiro deste ano, o preço do leite recebido pelo produtor mineiro foi 16% maior do que no mesmo período do ano passado. Segundo agentes de mercado, os preços no campo devem continuar em alta com o avanço da entressafra. Porém, a elevação deve ser moderada, uma vez que a demanda enfraquecida em virtude do menor poder de compra do consumidor tem limitado a valorização da matéria-prima e dos lácteos. Ainda assim, deve-se destacar que os preços do leite recebido pelo produtor mineiro no primeiro trimestre estão em patamares superiores aos do mesmo período do ano passado.

Com a maior receita e os custos menores, o momento é positivo para o produtor mineiro recuperar margens. Contudo, deve-se sempre destacar que a garantia da lucratividade depende do gerenciamento estratégico da propriedade, com o acompanhamento dos custos de produção e das tendências de mercado para que seja possível elaborar e sempre atualizar seu planejamento de médio-longo prazo.

Apesar de aumento nos gastos com mão de obra, COE do leite cai no primeiro bimestre de 2017

Por Natália S. Grigol e Lucas H. Ribeiro, Analistas de mercado da Equipe Leite/Cepea

Impulsionados pelo reajuste no valor do salário mínimo, os gastos com mão de obra na pecuária leiteira aumentaram 3,6% no primeiro bimestre, na “média Brasil” (que engloba os estados de MG, SP, GO, BA, PR, SC e RS), segundo pesquisa do Projeto Campo Futuro, uma parceria do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). Apesar da alta deste indicador, o COE (Custo Operacional Efetivo) da atividade caiu 1,1% no mesmo período, também na “média Brasil”, refletindo as desvalorizações no gasto com concentrado.

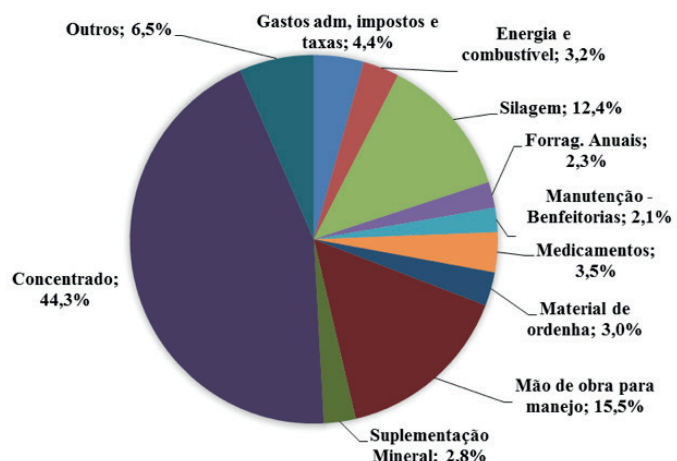


Figura 1. Composição do Custo Operacional Efetivo (COE) da pecuária leiteira no primeiro bimestre de 2017 na “média Brasil”. | Fonte: Projeto Campo Futuro Cepea/CNA (2017).

Com participação média de 15,5% no COE no primeiro bimestre, a mão de obra é o segundo item que mais pesa no bolso do produtor de leite, atrás apenas do concentrado, que representou 44,3% dos desembolsos correntes no mesmo período (Figura 1). No acumulado dos últimos seis meses, os gastos com concentrado caíram 10,6%, devido à queda nas cotações do milho e do farelo de soja.

Para os próximos meses, são esperados aumentos nos salários de outras regiões, o que deve manter elevados os custos com mão de obra. Análises do Cepea mostram que o aumento de 1% no custo da mão de obra reflete na elevação de 0,16% do COE da “média Brasil”, se consideramos estabilizada para os demais custos com a atividade.

Buscando antever este possível impacto dos gastos com mão de obra e concentrado sobre a margem do produtor de leite, foram estabelecidos dois cenários hipotéticos para uma análise de sensibilidade para os próximos 30 dias (abril).

Numa primeira situação, a mão de obra teria valorização de 1,5% e, numa segunda, de 2%, enquanto os gastos com concentrado cairiam apenas 1% em ambos os cenários. Considerou-se, ainda, que os demais custos com a atividade permaneceriam estáveis no período.

Para estimar a receita obtida com a venda do leite em abril, foram utilizados dados do Cepea. De acordo com expectativa de colaboradores, o preço líquido recebido pelo produtor (sem frete e sem impostos) em abril pelo leite entregue em março pode se elevar em 1,8% na “média Brasil”, chegando a R\$ 1,26/litro. A alta se justifica pelo período de entressafra, apesar da demanda enfraquecida limitando a valorização no campo.

Os resultados da análise de sensibilidade mostram que, no primeiro cenário, a alta de 1,5% nos gastos com mão de obra e a queda de 1% com a compra do concentrado provocariam um recuo de 0,21% do COE em relação a março. O custo de pro-

dução de um litro de leite na “média Brasil” ficaria em R\$ 0,9969/litro, resultando num incremento de 8% na margem bruta (receita subtraída do COE) do produtor em comparação com fevereiro.

No segundo cenário, mesmo com o aumento de 2% na mão de obra, o COE ainda registraria queda de 0,13%. O custo de produção seria de R\$ 0,9976/l, alta de apenas 0,1% em relação a março. Nesse cenário, a margem bruta teria acréscimo de 7,8% em relação a fevereiro.

Os dados mostram que o atual momento é favorável ao produtor, mesmo diante da alta do salário mínimo. Ainda que a expectativa quanto à elevação da receita seja de leve aumento, a análise mostra que a margem do produtor seria positiva. Com a receita bruta superando os desembolsos, a atividade leiteira se mantém viável no curto prazo, até mesmo no cenário mais pessimista.

Custo em queda e preço de leite em ascensão favorecem margem do produtor

Por Wagner H. Yanaguizawa, analistas de mercado da Equipe Leite/Cepea.

Com os custos de produção em queda desde setembro/16, principalmente por conta das desvalorizações do milho e do farelo de soja, principais itens do concentrado, e a receita do produtor em alta, devido à menor oferta de leite neste início de ano, o momento é favorável para recuperação das margens por parte do pecuarista de leite.

Devido à produção abaixo do esperado nos primeiros meses do ano e com o início do período de entressafra, a melhor rentabilidade está condicionada aos produtores que conseguirem minimizar a queda na oferta de leite – comum nessa época do ano – mantendo os custos de produção em menores patamares. Vale lembrar que os preços da matéria prima nos dois primeiros meses do ano são os maiores da série histórica para estes meses, em valores reais (deflacionados pelo IPCA – base janeiro/17), o que confirma o cenário descrito anteriormente.

Descartando a possibilidade de grandes alterações estruturais como o aumento da área útil da propriedade, investimentos em equipamentos, aumentos de rebanho e analisando apenas a oportunidade de incremento na suplementação de concentrado para as vacas em lactação, o produtor

consegue ter uma ótima alternativa para tentar manter os níveis de produção.

De acordo com os levantamentos do Projeto Campo Futuro - parceria entre o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) e a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) - no último trimestre (dezembro/16 a fevereiro/17), a desvalorização acumulada do COE (Custo Operacional Efetivo), na “média Brasil”, foi de 1,8%, e do grupo de concentrados, um importante componente do COE, de 5%. Considerando a queda dos custos desde setembro/16, quando o movimento de baixa foi iniciado, a variação acumulada é negativa em 4,2% para o COE e em 10,6% para os concentrados.

Analisando especificamente a realidade do uso de concentrados, diante dos aumentos significativos das áreas plantadas de milho e de soja nos principais países produtores, da safra recorde se confirmando com o avanço da colheita de verão no Brasil e da desvalorização do Real frente ao Dólar, agentes de mercado têm expectativa de uma maior oferta desses grãos no mercado interno e, conseqüentemente, de queda nos preços.

Por parte da receita observa-se que o preço do leite recebido pelo produtor, na “média

Brasil”, após atingir o recorde da série histórica em agosto/16, quando chegou a R\$ 1,5768, iniciou um movimento de queda sazonal durante os últimos meses de 2016 devido ao início da safra. Porém, diferentemente dos anos anteriores, a oferta de leite no campo neste início de ano foi muito aquém do esperado pelo mercado. Com os estoques em baixa, houve aumento da concorrência dos laticínios pela matéria prima no campo e os preços começaram a reagir antecipadamente. O preço do leite recebido pelo produtor em fevereiro chegou a R\$ 1,1885 (preço deflacionado pelo IPCA – base janeiro/17), valor 18,7% superior ao do mesmo período do ano passado, em termos reais.

Com o cenário favorável ao produtor toda tomada de decisão dentro da propriedade de leite deve ser estudada criteriosamente e balizada por informações referentes ao seu sistema de produção. Com isso, fica evidente a necessidade dos produtores terem controle dos seus custos de produção, pois somente dessa forma seria possível fazer um diagnóstico preciso da atividade e futuramente planejar e projetar as possibilidades de trabalho para os próximos meses. 🌱

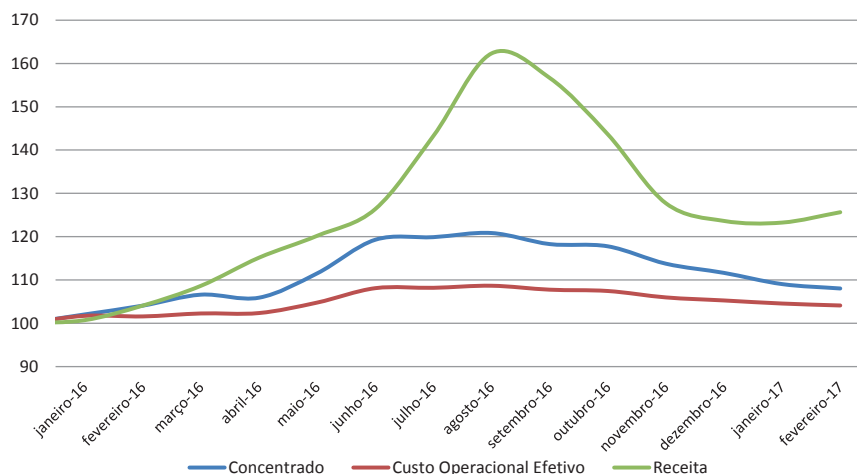


Figura 1 – Evolução do COE, concentrados e preços recebido pelo produtor na “média Brasil” (GO, MG, PR, RS, SC, SP e BA). | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017).

Elaboração:

Superintendência Técnica (SUT) da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Cepea/Esalq-USP.



Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil



CEPEA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

www.cnabrazil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

twitter.com/SistemaCNA 
facebook.com/SistemaCNA 
instagram.com/SistemaCNA 